

## Matar o tempo

*É difícil escrever as primeiras linhas, diz Felix Penney, e ele deve sabê-lo melhor do que ninguém. Autor de três manuais de escrita e de nove policiais, é um dos mais conceituados professores de escrita criativa no Reino Unido, com uma cadeira prestigiada na King's College, em Londres.*

— *Como vais começar o teu trabalho? — pergunta-me ele, antecipando-se habilmente às perguntas que tenho para lhe fazer.*

— *Com o cenário — respondo, deixando-me levar.*

— *Boa escolha — diz. — Um ponto de partida firme e seguro para qualquer narrativa.*

*E assim, com a aprovação do Sr. Penney, imaginem uma pequena biblioteca na periferia de uma cidade de dimensão média em Berkshire. É o típico espaço comunitário mal financiado, com mobiliário desgastado e dois radiadores antiquados que apenas libertam calor suficiente para impedir que o frio nos chegue aos ossos. À luz ténue do sol de inverno, veem-se partículas de pó a pairar.*

*Estou aqui para assistir a uma sessão dirigida por Penney, que está a ganhar reputação a um ritmo veloz para lá destas paredes forradas de livros, e, à medida que os alunos vão chegando, considero-me extremamente afortunada por ter tão pouco em comum com eles. Porque este curso foi concebido para explorar o impacto que o crime teve nas suas vidas. Crimes violentos, na maioria.*

— *Assumam tudo aquilo por que passaram. — Penney incita a turma. — Escavem tão fundo quanto se atreverem. Vão ficar*

*espantados ao descobrir o poder que têm quando se trata de desenterrar as peças que faltam na vossa história.*

*— Ainda não sei como começar! — queixa-se uma mulher, algo lenta no arranque, visto que esta é a terceira vez que o grupo se reúne.*

*— Nunca ninguém sabe. — Penney mostra-se empático e inspira-a, lendo em voz alta o primeiro capítulo do trabalho de outra aluna, que progride bastante melhor.*

*Enquanto ele lê (a primeira frase é um disparate, esperem só para ver), dou por mim a olhar para a autora. De ossos bem definidos e pele clara, já não é tão bonita como foi — segundo as minhas contas, está mais perto dos cinquenta do que dos quarenta anos —, mas tem uma distinção que faz com que seja impossível desviar os olhos dela. Um carisma, um pathos.*

*Reconheço-lhe o rosto, claro. E, em certa medida, até já conheço a história.*

*Pelo menos, creio que sim.*

Michaela Ross,  
Revista *Sunday Times*,  
dezembro de 2021

# SANTO OU PECADOR

*por Ellen Saint*

## 1

Kieran Watts já morrera há mais de dois anos quando o vi no terraço de um edifício em Shad Thames.

Estamos em outubro de 2019, uma segunda-feira que não devia ter nada a assinalar. Para quem não conhece a área, Shad Thames é uma secção histórica da zona ribeirinha de Londres, a sudeste da Tower Bridge. Pensem em cais de outros tempos, com guinchos e passadiços e ruelas pavimentadas tingidas de vermelho pelo sangue de crimes passados (bem, foi de mau gosto. Peço desculpa).

Para quem não conhece o *homem*, Kieran Watts é o monstro que destruiu a minha vida. As suas ações irão atormentar-me a alma até ao dia da minha morte, e talvez para lá disso — não diria que ele não fosse capaz de o fazer. É por causa dele que estou a escrever isto, é ele a razão de me encontrar aqui. Como disse uma vez à minha filha, Freya, sem deixar de reparar no ar de repulsa no seu rosto: *Nunca o vou perdoar.*

Falo a sério. *Nunca.*

Portanto, estou em Shad Thames, em trabalho. Choveu durante a noite e a paleta ribeirinha é toda composta de fuligem e

pedra, com a ferrugem a abrir estrias no ferro pintado de escuro. A minha nova cliente chama-se Selena. Tem trinta e poucos anos, é uma britânica branca misturada com qualquer coisa de chique do Sul da Europa. Trabalha na área das finanças, o que explica que tenha adquirido um apartamento no quinto andar no Cais Jacob, num dos armazéns requalificados orientados para leste, com vista para a doca de St. Saviour. Apesar de bonitos, as janelas dos apartamentos são inconvenientemente pequenas, o que exige conhecimentos de iluminação que vão além do que um simples técnico consegue oferecer. A primeira reunião serve para eu ter uma noção do seu estilo de vida e da estética pessoal. Naturalmente, ela quer as duas coisas — o romantismo à luz das velas dos contrabandistas que conspiram em recantos sombrios e a luz radiante e lisonjeira que os narcisistas da geração *millennial* tanto apreciam (palavras dela, não minhas).

Mas não precisam de ouvir falar disso. Vou deixá-la maravilhosamente iluminada. O importante aqui é o que aconteceu *depois* da nossa conversa.

Estamos sentadas ao seu balcão de pequeno-almoço junto à janela, com chávenas de café expresso e bolachas que ela diz ter preparado no micro-ondas, quando pergunta:

— Ali, não irias precisar dos teus truques, pois não? — E faz um gesto para o edifício em frente.

É uma estrutura moderna e esguia entre dois armazéns, com o topo saliente como uma cabeça alongada sobre ombros largos. Cada andar tem uma grande janela em forma de losango com vista para a água, e uma segunda janela à direita, do chão ao teto, que sobe o edifício numa faixa refletora. Embora todas as unidades devam receber a sua quota-parte de luz natural, o apartamento de cima conta com aquilo que parece ser um átrio ou claraboia por trás de um terraço que se estende a toda a largura do edifício.

— Aquele terraço deve ter uma ótima vista para a Tower Bridge. — Dou uma dentada numa bolacha e os grãos de açúcar derretem-se na minha língua. — É um edifício invulgar, não é?

— Segundo consta, foi construído no início dos anos noventa — diz a Selena. — Não sei como conseguiram autorização para atingir aquela altura.

— Oh, essa época foi o faroeste. Há quem ainda se lembre de o vivenciar.

Arqueio as sobrancelhas e ela faz o mesmo. Sorrio.

*Procure pessoas que melhorem o seu estado de espírito, Ellen,* dissera-me um psicólogo uma vez, mas era demasiado cedo na altura. Agora já entendo melhor.

— É o edifício mais alto de Shad Thames, acho — diz ela. — *E ele é o rei daquele castelo, olha.*

Ao esticar-me para ver o homem que saíra para o terraço e estava de pé na balaustrada de vidro transparente, descubro que o meu primeiro pensamento, como sempre acontece quando vejo alguém a centímetros de uma queda como aquela, é: *Ele vai atirar-se.* Vai inclinar-se, olhar para baixo e ouvir o chamamento do vazio, como eu faria. Depois, vai saltar.

Digo-o à Selena e ela solta uma exclamação horrorizada.

— Mas por que motivo haveria ele de querer saltar?

— Não ele, *eu*. Se fosse eu ali, onde ele está. Não te preocupes, não tem nada que ver com tendências suicidas. É uma doença. Chamam-lhe «fenómeno das alturas».

— O quê, é como sentir vertigens?

— É mais uma sensação de estar a rodopiar, como no filme. Uma espécie de impulso irracional. Mas nem toda a gente o sente. — Faço um gesto para o nosso homem no terraço do topo, tão imóvel e equilibrado como um mergulhador de elite prestes a conquistar a medalha de ouro. — É óbvio que *ele* não sente.

— Bem, não seria o melhor sítio para viver se sentisse — observa a Selena, com um sorriso, enquanto ele se vira e percorre o terraço até ao canto virado para o rio.

É nesse momento que acontece. O impossível. O grotesco. Reconheço a altivez na forma como o homem levanta o queixo, uma oscilação exagerada nos passos. Isso faz-me levar a mão à boca para abafar um arquejo, o coração a bater-me a um ritmo selvagem no peito.

*É ele.*

O desejo de fugir choca com a compulsão de manter os olhos fixos nele, de descobrir tudo o que puder no tempo disponível. Absorver as pistas. A distância entre nós é demasiado grande para lhe distinguir as feições, embora veja que o cabelo foi descolorado e que perdeu uns bons seis quilos em relação à última vez que o vi, há quase dois anos e meio.

*Não, não pode ser ele.* Havendo alguma ligação, este deve ser um parente. Na altura, ele disse que não tinha família, mas isso não quer dizer que não existisse ninguém. Pode ser um primo ou um meio-irmão, alguém que nem sequer conhece.

Estica os braços para os lados e levanta-os acima da cabeça, juntando as palmas das mãos numa espécie de pose meditativa. Ele nunca se mostrou tão relaxado no passado — mesmo no tribunal, estava sempre a mexer-se. Sinto a bÍlis a subir-me pela garganta até à boca.

— Estás bem? — pergunta a Slena, com um vinco de preocupação entre as sobrancelhas. — É a história das vertigens? Deixa-me fechar a janela...

Engulo com dificuldade, afasto a mão do rosto.

— Não, não, está tudo bem. Conheces... conheces aquele tipo?

— Não de termos trocado palavras. Mas já o vi no café de Mill Street. Ele compra sempre o maior balde de café. Espera, talvez tenhamos falado uma vez, não me lembro. Porquê?

— Ele lembra-me alguém. — É uma luta para controlar os músculos faciais e sinto que faço uma careta. — Alguém que eu não achava que estivesse... em Londres.

A Slena aproxima-se da janela para ver melhor, obscurecendo a minha visão.

— Parece muito novo, não é? Deve ser banqueiro. Não, qualquer coisa na área da tecnologia; um banqueiro já não estaria em casa às dez da manhã. Ou talvez se trate de um estudante estrangeiro rico, há tantos por aqui. Russos, sobretudo.

Anseio silenciosamente por que ela saia da frente, mas, quando o faz, ele já desapareceu.

— Onde é que ele foi? — pergunto, como uma tonta.

— Voltou para dentro. Não te preocupes, ele não saltou. Se tivesse saltado, aterraria na água? Os passadiços são muito estreitos.

Enquanto ela se inclina para fora da janela a fim de confirmar as dimensões da zona ribeirinha do seu próprio edifício, reprimo um arrepio e ponho-me de pé.

— Está na hora de ir.

Ela acompanha-me à saída e entro no elevador com gratidão, como alguém que estivesse a ser resgatado de uma zona de guerra de avião. Só agora, sozinha naquela caixa espelhada, me permito receber toda a voltagem da minha angústia perante a recordação de um rapaz chamado Kieran Watts e do poder que tinha sobre o meu filho, Lucas. A previsibilidade invariável da reação do Lucas à sua descontração natural.

Claro que, nesta altura do campeonato — a meia-idade —, sabemos que descontraído é apenas outra forma de dizer irrequieto, imprudente.

*Descuidado.*

O elevador dá um pequeno solavanco antes de parar. As portas abrem-se e saio. O átrio tem o mesmo aspeto de quando cheguei, mas o chão parece areia movediça sob os meus pés e levo uma mão à parede de tijolo exposto para me equilibrar.

*Não pode ser o Kieran Watts, digo a mim mesma. E se alguém pode estar certo disso sou eu.*

Porque fui eu que o matei.